

MOACYR SCLiar *

Costumamos associar o fim do comunismo com a queda do Muro de Berlim em 1989. Mas muito antes disso, um documento divulgado em sessão secreta do 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética há exatos 50 anos (25 de fevereiro de 1956) exerceria o efeito de uma verdadeira bomba, ainda que de efeito retardado, sobre o sistema. Este documento ficou sendo conhecido como o Relatório Krushev.

Quem era Nikita Sergeievich Krushev (1894–1971)? De origem humilde, analfabeto até os 25 anos, Krushev ingressou no Partido Comunista logo depois da Revolução Russa de 1917. Lutou na guerra civil que se seguiu e ascendeu rapidamente na hierarquia partidária. Na II Guerra, organizou movimentos guerrilheiros contra os nazistas. Fazia parte da “entourage” de Stalin; depois da morte do ditador, em 1953, tornou-se o primeiro mandatário da União Soviética, afastando de imediato todos os possíveis rivais. Como político, fascinava a todos pelo estilo pitoresco; em plena Assembléia Geral da ONU, tirou o sapato e bateu com ele na mesa para protestar e chamar a atenção. Por outro lado, seu bom senso e sua coragem salvaram o mundo da guerra quando, na crise dos mísseis em Cuba (1962), aceitou a imposição do presidente John Kennedy, mandando retornar os navios soviéticos que levavam as armas. O gesto custou caro; os militares soviéticos viram no episódio uma humilhação e, em 1964, ano do golpe no Brasil, foi deposto e morreu na obscuridade.

O Relatório é um documento cuidadosamente preparado, com base em investigações feitas por uma comissão do próprio Partido. Tem a demagogia de hábito, cantando em prosa e verso as realizações da União Soviética, mas o tema mesmo é aquilo que depois se tornou uma expressão característica: o culto à personalidade, o verdadeiro endeuamento feito em torno à figura de Stalin, que dava nome a ruas, a cidades, a escolas e que tinha sua foto exposta por toda a parte (coisa de que os ditadores continuam gostando, aliás).

No documento, Krushev é a um tempo audaz e prudente. Cita abundantemente os pais do comunismo para confirmar suas teses. Assim, transcreve as palavras de Marx: “Nunca divulguei as numerosas mensagens elogiosas que recebi de vários países, e nem as respondi, porque tenho antipatia a qualquer culto do indivíduo.” Ainda segundo Krushev, Lenin, que reconhecia o papel da liderança na luta de classes, era crítico da noção de herói. Mais do que isto, Lenin teria condenado Stalin por sua rudeza. De fato, o ditador tinha seus próprios e peculiares mé-



Krushev foi ao mesmo tempo audaz e prudente nas críticas que fez a Stalin e ao comunismo

Um documento que mudou o mundo

O relatório apresentado há 50 anos por Nikita Krushev, em sessão secreta do Congresso do Partido Comunista da União Soviética, alterou os rumos do socialismo internacional

todos. Antes dele, a luta contra os trotskistas se desenrolava no plano das idéias; com Stalin, Trotsky foi transformado num “inimigo do povo” (e assassinado no México, onde se asilara). Em matéria de prisões e de execuções, aliás, Stalin tinha um currículo arre-

piante. Dos 1.196 delegados ao 18º Congresso do Partido Comunista, 1.108 foram declarados “contra-revolucionários” e, deles, 848 foram executados. Em 1937 e 1938, os anos do Grande Expurgo, um milhão e meio de comunistas foram condenados por “ativi-

dades anti-soviéticas”; destes, 680 mil foram executados e o resto recolhido aos campos de concentração que constituíam o chamado Gulag. Stalin deportou também pessoas ligadas a grupos étnicos ou nacionais: poloneses, ucranianos, judeus, alemães do Volga, chechenos.

Durante muito tempo, Stalin havia sido considerado um heróico líder da luta anti-nazista. Krushev desmancha essa reputação, mostrando que o ditador subestimou o risco de uma invasão e que isso custou numerosas vidas. De outro lado, Stalin não raro mostrava-se paranóico, como aconteceu durante a chamada “conspiração dos médicos”: acreditando que seus doutores (muitos dos quais judeus) estavam decididos a liquidá-los, Stalin mandou julgá-los e prendê-los. Ao seu Ministro da Segurança fez uma clara ameaça: ou o homem arranjava uma confissão dos pretensos culpados, ou teria sua altura reduzida “em uma cabeça”. E não se tratava de metáfora.

Em março de 1956, o Relatório foi divulgado para alguns setores do Partido Comunista da União Soviética. Ao Exterior, porém, só chegou porque o New York Times obteve uma cópia do documento. Lentamente as pessoas foram tomando conhecimento das denúncias. E aí a confusão e a perplexidade se generalizaram. A primeira reação dos comunistas foi de incredulidade: não, aquilo não podia ser verdade, era uma invenção do capitalismo. Mas aos poucos a realidade foi sendo aceita, mesmo por setores mais radicais; assim, e ao contrário do que em geral se pensa, o poderoso partido comunista chinês divulgou nota aceitando o Relatório, e criticando “certos erros políticos” cometidos pelo stalinismo. Na Europa, uma manifestação particularmente importante foi a do Partido Comunista Italiano, liderado por Palmiro Togliatti. Já trilhando uma rota mais reformista do que revolucionária, o PCI viu acentuada essa tendência; Togliatti concluiu que os crimes não eram apenas obra de Stalin, mas do sistema soviético como um todo.

Muitos comunistas desiludiram-se profundamente com as revelações de Nikita Krushev. O escritor Jorge Amado não apenas deixou o Partido como mudou sua linha literária: já não fazia mais obras “engajadas” e sim romances picarescos como *Dona Flor e seus dois maridos* e *Tieta do agreste*. Contudo, a tentação totalitária continuou viva e ainda está presente em muitos setores da esquerda. Não é por nada que o adjetivo “stalinista” de vez em quando é usado em tom acusatório. Uma mudança de enfoque que, em grande parte, devemos a um pitoresco homenzinho gordo e careca, que batia na mesa com o sapato.

* Escritor. Membro da Academia Brasileira de Letras. Autor de *A mulher que escreveu a Bíblia* e *Os leopardos de Kafka*